

Anteciparte

Os verdes anos

São 14 finalistas de Belas-Artes de todo o país. Acabaram a sua formação e passam agora ao terreno, numa primeira prova de fogo. O JL visitou o Anteciparte, organizado pela Blug e pelo Millennium BCP, patente no Pátio da Galé, no Terreiro do Paço, em Lisboa, até ao próximo domingo, 10, e revela as propostas desta novíssima geração de artistas

RICARDO DUARTE

Há momentos que decidem vocações e certezas que vêm da infância. Universos pessoais que se vão contraindo aos poucos, encontrando ideias fortes, perspectivas, sensibidades, que depois se alongam em obras que não se resumem a um único suporte. Na 3.ª edição do Anteciparte, 14 finalistas dos cursos de Belas Artes do país têm a sua primeira prova de fogo. Aprentam-se ainda em formação, em demanda de um território artístico por descobrir. A experimentação é a postura dominante, não no sentido de gozarem-se diferentes, mas na vontade de construírem uma identidade própria. Pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, vídeos, instalações, performances e intervenções na cidade mostram como são tênues os limites da contemporaneidade e híbridos os discursos plásticos. A finalidade, no entanto, é sempre a mesma: perceber o horizonte que nos rodeia e o mundo interior que habitamos. Corpo e espaço, interior e exterior, pergunta e resposta, jogo e enigma, conceito e material, efêmero e perecível ou o contínuo destas obras que anunciam hoje o futuro que havemos de ver. Porventura, nem todos conseguiram sobreviver no circuito das artes plásticas. Mas estão-se agora nos seus «verdes anos», como sucede a Miguel von Hafe Pérez, comissário desta mostra.

Intervenção e interirerência

O Anteciparte desceu à Baixa de Lisboa, depois de dois anos na Estufa Fria, no Parque Eduardo VII. Rivallizando a atenção com a gigantesca árvore de Natal que faz as delícias de milhares de pessoas, o discreto Pátio da Galé, junto à estação dos Correios do Terreiro do Paço, convidou o visitante para uma viagem singular. A entrada, um alívio sem *cocktail* anódino, que as regras, se existem, são para serem quebradas. A instalação de Luis Ribeiro, que abre e encerra a exposição, dá o mote à edição deste ano. A intervenção no espaço e a adaptação dos trabalhos às potencialidades da sala são as características que mais saltam à vista. A arte, que lutou para sair do espartilho da tela e da pedra, conquista agora novos suportes, inventando linguagens. A «ausência de controlo» e a «necessidade de fuga em relação ao outro» são temas explorados por Luis Ribeiro. 24 anos, formado pelo pólo de Guimarães da Escola Superior Artística do Porto. Uma primeira viagem de alívio, realizada há poucos anos, e a constatação de um amigo seu, num centro comercial — «os reparares com o teu carro» —, derram-lhe as pistas para tentar compreender como lidamos com o espaço. Inves-

tigou sobre esta matéria. Leu as obras de Edward T. Hall e explora agora o conceito de «proximidade». Da ausência de controlo inicial, passa-se para uma «perda de identidade». Em fotografias e esculturas, dezenas de figuras em miniatura olham todas para a mesma direcção. Não é fácil, na sociedade contemporânea, ser do contra.

A adaptação ao espaço também é a chave da instalação de André Banha, 26 anos, embora as motivações sejam outras. As suas construções em madeira, que reutiliza em sucessivas obras, são uma evocação da sua infância. Embrancando-lhe de brincar na oficina do seu avô, em Santarém, e de usar as ferramentas, aproveitando os desperdícios que se iam espalhando pelo chão. E quando, a meio do curso na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, tentou procurar um curso pessoal para o seu trabalho, descobriu que ele há muito estava dentro de si. Reencontrou-se consigo próprio e apela ao espectador que siga o mesmo caminho. Penetrando um dos cantos da estrutura do Pátio da Galé, forma-se um túnel que vai ganhando sentido à medida que cada parede puxa pela memória e reconstrói nas casas nas paredes de outrora. A certa altura, há um piso superior e um corredor que desemboca numa janela. André Banha gosta de «trespassar as paredes, esconder e revelar».

No caso de Dalila Gonçalves, 24 anos, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, a intervenção torna-se «interferência». Não é necessariamente uma adaptação, antes uma perturbação de uma realidade já de si casual: o espaço público. Numa praça, num largo, na praia, simulando uma passadeira, arroz, pão, milho, arroz ou pipocas, não há pompa que lhe resta. Dessa efemeridade, sobra a memória de quem viu e o registo fotográfico da artista. De resto, o mesmo acontece com outras materiais que usa, também eles perecíveis. Ao visitante do Anteciparte não poderá passar despercebida a estranha calçada portuguesa que se alinha entre duas colunas. As convenções também já não são o que eram, e o que antes era «feito com materiais nobres e para se pisar» é agora composto por sabão azul e branco. O estatuto de obra de arte confere-lhe uma componente «intocável».

A duplicidade fotográfica

Tudo «começou com um jogo». E a ele não foi estranho a máxima de Duchamp, «nem todos os artistas são jogadores de xadrez, mas cada jogador de xadrez é um artista». Das sucessivas jogadas foram saindo imagens. Primeiro numa toada simplesmente documental, passando a passo, lance a lance. Mas, aos poucos, essas imagens foram ganhando corpo, espessura, revestindo-se de outros significados. A José Nuno Lamas, 31 anos, e Valter Ventura, 27, que se conhecem no curso



SEU FOTOGRAFAR O QUE NÃO SE VÊ



COMUNICAR A ANIMAZÃO E O MUNDO VISUOSO

avanzado de fotografia do Ar.Co — Centro de Arte e Comunicação Visual, interessa-lhes o «tempo mental» de cada jogador. O que se vê no tabuleiro e o que se antevê no cérebro não são exactamente o mesmo. E as suas fotografias de grandes dimensões tratam esse hiato, esse abismo irrepresentável. «As fotografias suspendem a narrativa, provocando um salto temporal de imagem para imagem», explicam. A esta duplicidade fotográfica, alia-se uma forte componente performática. Jogadores — José Nuno Lamas e Valter Ventura eles próprios — e tabuleiros deamulham pelos mais variados, e por vezes inóspitos, lugares. Um sóp com vista para Lisboa, em cima de uma cisterna, na numa pedreira. A cenografia não é indiferente, até porque épicas são estes «confrontos». O mesmo curso de fotografia frequentou João Serra, 30 anos, que, além de participar no Anteciparte, é um dos quatro finalistas da mostra BES Revelação, patente na Fundação de Serralves, Bairro da península de Lisboa em processo de desaparecimento são o fundo de fundo do seu estudo sobre a representação e a imagem. Deixar emergir o potencial estético, pictórico e escultórico destes objectivos marginais regula o foco da sua objectiva, numa tentativa de substituir «o olhar quotidiano por um olhar que reconheça outro tipo de valores». João Serra quer «dar a ver o que toda a gente já viu — a banalidade dos objectos, mas investindo-o de novas possibilidades». Há, por isso, beleza nas suas fotografias, reforçada pela valorização da paleta cromática que singulariza estas habitações. «Nestas imagens, a cidade ilegal, clandestina, medonha na

ocupação e construção dos espaços, onde os políticos e sociólogos podem facilmente encontrar a matéria da qual alimentam os discursos, é reconduzida pelo veta fotográfico a uma nova dignidade», afirma o artista.

O lugar da pintura e da escultura

Numa colectiva de artes plásticas, não podiam faltar obras de pintura e escultura. O seu fim é sempre anunciado, mas a verdade é que estas disciplinas clássicas nunca deixaram de marcar a sua presença. E nesta edição vê-se como linguagens tradicionais podem ser reinventadas, quer na temática, quer na forma. A Maria Conrado, 25 anos, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL), interessa-lhe a ideia de lugares desabitados, anónimos. A sua pintura estabelece uma espécie de «arqueologia do amanhã»: «É como se a natureza reclamasse o que sempre foi seu», sugere. Nestes quadros não há paisagens humanas, apenas edifícios, tudo menos históricos, que se configuram como vestígios abandonados de uma civilização extinta. Neste período intermédio, suspenso de vida, estádios de futebol, arquitecturas do quotidiano e tendas arqueológicas devolvem à pintura os valores primordiais da natureza. Na sua obra, sobressai a gestualidade inerente à tela e ao cavalete e a plasticidade física do acto de criar fundamental para Maria Conrado. A fotografia serve como esboço, mas cada composição é fruto de um trabalho meramente imaginativo. O enigma domina as pinturas e desenhos negros de Ana Elisa Santos, 24 anos, da FBAUP e agora no Ar.Co. Sobre superfície frágeis, como o papel



OS VERDES ANOS DE LUIS RIBEIRO



FLASH1, VIDEO DE SARASANDRÉ.

e a ardósia, «os materiais mais próximos das ideias e de utilização mais imediata», espriam-se manchas monocromáticas que a artista gosta de comparar a um ecrã de cinema. «É como se nestas telas tudo pudesse acontecer ou, pelo contrário, tudo acontecesse ao mesmo tempo». Num mundo repleto de imagens, dominado pela publicidade, estes trabalhos exigem a mesma atenção que Ad Reinhard, autor de composições também elas totalmente pretas, reclamava para os seus quadros. Porque há uma infinidade de pormenores que puxam pela «imaginação», salpicos, pequenas volumetrias que emergem e dão espessura a obras aparentemente simples. Na escultura, Marta Castelo, 26 anos, e Pedro Pires, 27, ambos da FBAUL, exploram as relações entre interior e exterior, mas por caminhos opostos. Enquanto um revela, o outro esconde, enquanto um intuiu, o outro espelha. Dentro de cubos lisos, forma geométricas puras, abrem-se labirintos impossíveis de percorrer. Miniaturas de corredores, escadas, paredes que impedem a passagem recordam esses espaços míticos que atravessam o nosso imaginário. Neles, Marta

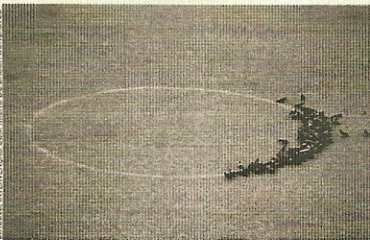
impossível de controlar, emerge dos contrastes, das oposições de tonalidades da pólvora seca, da ausência de contorno.

O vídeo da fama

O vídeo une os trabalhos dos últimos quatro artistas. «Are you talking to me», pergunta alguém num dos sete ecrãs da instalação de Ana Catarina Marto, 29 anos, com formação na Universidade de Paris/8 e actualmente na Maumaus – Escola de Artes Visuais de Lisboa. Mas nunca se chega a ver quem se interroga, apenas os sons das palavras e a sua correspondência num gráfico de frequências sonoras. E em cada televisor, de marcas diferentes, as cores e suas cambiantes, do vermelho ao amarelo, vão mudando. «Nunca são iguais», garante. Nesta ambiguidade, que remete para o «facto de hoje vivermos tudo pelo ecrã», Ana Catarina Marto capta um jogo – a componente lúdica é fundamental – de múltiplos significados.

Da performance nascem os vídeos de Vera Mota, 24 anos, da FBAUP, embora a artista não se fixe num único suporte. As esculturas com lâminas são disso um bom exemplo. Baseando-se nas ideias de «quarto interior», de Maurice Merleau-Ponty, estes objectos cortantes opõem beleza e violência, suavidade e agressão, temas que actualmente a artista desenvolve na análise da condição feminina. A «objectualização da mulher» e a «relação do seu corpo com os outros» formam o guião dos seus vídeos. Mas não se persegue uma atitude «militante», nem Vera Mota quer encostar-se a essa bengala. A ideia é «levantar questões, investigar, e conseguir encontrar respostas artísticas».

São os últimos, mas assumem-se como os primeiros. A fama pertence-lhe, porque antes de o serem, já o são, isto é, consagrados. Sara (Nunes) e André (Brinco) formam uma dupla de sucesso. Licenciados, respectivamente, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e na ESAD, reclamam para si a fama e a eterna glória. Um profunda ironia cruza o seu trabalho, questionando inclusivamente o circuito das artes plásticas no qual pretendem afirmar-se. A ousadia começa logo na natureza da obra. Convidam um conjunto de amigos, pedem-lhes que tragam câmaras de filmar e máquinas fotográficas de todo o tipo para registarem as suas performances. «Tentamos criar um mito à nossa volta», dizem. Os dois vídeos e as 55 fotografias apresentados eternizam esses «passeios no parque» e «conferências de imprensa». E, pondo em causa o conceito de autor, brincam: «Tentamos fazer o mínimo possível». ●



CÍRCULO INTERVENÇÃO COM MILHO DE DALÍ, A GONÇALVES

Castelo pede ao espectador que veja «o visível e o que está para além dele», reconstituindo um pouco a «surpresa inicial da Humanidade» na aurora dos tempos. «Perante a complexidade do mundo, o Homem procura desvendar os seus mistérios e dar-lhe um sentido», afirma. Complexo também é o interior do ser humano. E se naturalmente a pele define o seu limite, nas esculturas de grandes dimensões de Pedro Pires a roupa do corpo expõe as suas idiossincrasias. As balas, os soldadinhos de plástico e os pixels metálicos que o revestem mostram os traços de uma «identidade», como se além da nossa expressão facial e da linguagem não verbal, o interior moldasse o nosso exterior. A par deste trabalho, Pedro Pires apresenta desenhos recentes feitos com pólvora. Ideia explosiva que, inesperadamente, tem qualquer coisa de impressionista, na medida em que o resultado final, muitas vezes